

## **MAIS COMÉRCIO EXTERIOR!**

**\* Roberto Rodrigues**

As exportações do agronegócio brasileiro têm apresentado um crescimento realmente espetacular. Em 2000 o setor exportou 21 bilhões de dólares, e este valor passou a 76,4 bilhões no ano passado: um salto de 262% em 10 anos! Embora estes números por si sós sejam notáveis, há pelo menos 3 outras razões para comemorarmos.

A primeira é o saldo: em 2010 as exportações do agro corresponderam a 38% do total exportado pelo país, mas o saldo do setor foi de 63 bilhões, 3 vezes maior que o saldo total, de 20,3 bilhões. Em outras palavras, isso significa que o agro salvou o saldo comercial.

A segunda razão para comemoração é a ampliação da pauta das exportações. Há 50 anos o café era absoluto nesta área. Hoje, não chega a 10%. Nos anos 60 do século passado, as carnes, a soja e o etanol sequer existiam como produtos exportáveis. Hoje, são os líderes: em 2010 a cadeia da soja representou 22% de nossas vendas externas, seguida pelas carnes, com 18% e açúcar/etanol, também com 18%. Nem por isso o café está vendendo menos; ao contrário, segue crescendo em números absolutos. É que a participação relativa dele diminuiu graças à explosão de demanda dos outros produtos, determinada pelo aumento da renda – e do consumo – dos países emergentes.

E a terceira razão: em 2000, a UE comprou 41% de tudo que exportamos. No ano passado isto caiu para 27%. Há 10 anos, os Estados Unidos eram, de longe, o maior país comprador, com 18% das nossas exportações. Em 2010, caiu para 7%. Na verdade, as vendas para ambos estes mercados também cresceram em valor absoluto, tendo reduzido sua participação relativa. Porque? Porque a China saltou de 3% para 14%, a Ásia de 11% para 16%, a África de 3% para 8%, e assim por diante.

Portanto, há realmente muito que celebrar no crescimento de nosso saldo comercial externo, que se deve ao aumento de nossa produção rural em função das tecnologias sustentáveis geradas em nossos órgãos de pesquisa, difundidas por nossos extensionistas e cooperativas e utilizadas por nossos modernos e competitivos produtores rurais.

Mas podemos fazer muito mais! Primeiro, porque a demanda segue subindo, uma vez que o crescimento populacional mais expressivo se dá nos países onde a renda per capita aumenta mais. E poucos países – como o nosso – têm condições de ampliar a área cultivada e a produtividade.

Isso, no entanto, não basta. Precisamos desenvolver uma Política Comercial mais abrangente. Nos últimos 10 anos colocamos todas nossas expectativas na Rodada Doha da OMC, que até agora foi um rotundo fracasso.

E não cuidamos de negociações bilaterais com países potencialmente consumidores de nossos produtos, como já fizeram outros latino-americanos, como o Chile, o México e a Colômbia.

Só recentemente conseguimos colocar 8 – e apenas 8 – adidos agrícolas em embaixadas brasileiras no exterior para promover o agro.

Mesmo no Mercosul há muito por fazer. É inacreditável, mas a Argentina colocou tarifas tão altas sobre nosso açúcar, que é inviável exportar esse nosso competitivo produto para lá. Porque? Para proteger o ineficiente setor sucroalcooleiro portenho. Isto tem que mudar.

Um ajuste simples poderia ser feito: os argentinos passariam a produzir etanol em vez do açúcar, nós compraríamos seus excedentes e lhes venderíamos nosso açúcar. Seria um win win game: todos ganham.

É preciso criatividade e determinação para uma política comercial mais agressiva, que resulte em maior exportação do agro brasileiro, com vantagens evidentes para todo o país.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**